

REBECCA NEWBERGER GOLDSTEIN

36 argumentos para a existência de Deus

Romance

Tradução

George Schlesinger



Copyright © 2010 by Rebecca Goldstein
Todos os direitos reservados, incluindo os direitos
de reprodução do todo ou de partes, sob qualquer forma.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

36 arguments for the existence of God — A work of fiction

Capa

gray318

Preparação

Fabiola Cristófoli

Revisão

Ana Maria Barbosa

Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Goldstein, Rebecca Newberger

36 argumentos para a existência de Deus : romance
/ Rebecca Newberger Goldstein ; tradução George Schle-
singer. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original : 36 arguments for the existence of
God : a work of fiction.

ISBN 978-85-359-1860-1

1. Fé e razão 2. Ficção norte-americana I. Título.

11-04031

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Para Danielle, amada cética e poeta

Sumário

1. O argumento do eu improvável, 9
2. O argumento de Lucinda, 32
3. O argumento das coisas manchadas, 35
4. O argumento do passado irrepreensível, 68
5. O argumento da reversão da fortuna, 85
6. O argumento de intimações de imortalidade, 123
7. O argumento da observação da alma, 128
8. O argumento da existência do poema, 144
9. O argumento da eternidade da ironia, 155
10. O argumento do Eu mais puro, 174
11. O argumento dos significantes transcendentais, 185
12. O argumento dos números primos, 195
13. O argumento de pegar diferenças, 237
14. O argumento da solidão inconsolável, 243
15. O argumento dos círculos sagrados, 250
16. O argumento dos anseios junto ao portal, 261
17. O argumento da risada estranha, 263

18. O argumento da seta do tempo, 273
19. O argumento dos sussurros angelicais entreouvidos, 279
20. O argumento de notícias de destruição, 302
21. O argumento dos resíduos, 308
22. O argumento da distância preenchida, 320
23. O argumento do desencantamento do mundo, 322
24. O argumento da ética dos pais, 329
25. O argumento dos tremores cósmicos, 332
26. O argumento dos indivíduos escolhidos, 341
27. O argumento dos ossos dos mortos, 348
28. O argumento do Equilíbrio de Mandelbaum, 367
29. O argumento dos designadores rígidos, 370
30. O argumento do longo silêncio da noite, 387
31. O argumento do *New York Times*, 388
32. O argumento do precipício, 392
33. O argumento do Eu violável, 402
34. O argumento da visão de lugar nenhum, 406
35. O argumento das emoções solenes, 436
36. O argumento da dança do Rebbe silencioso, 448

Apêndice: 36 argumentos para a existência de Deus, 463

Agradecimentos, 531

1. O argumento do eu improvável

Algo se moveu, algo tão imenso que poderia ser chamado de mundo.

Chamemos de mundo.

O mundo se moveu, pegando um monte de pessoas esper-tas desprevenidas, revirando assuntos que se julgava estivessem para sempre assentados sob a crosta terrestre. Quanto mais sofisticado você é, quanto mais elaborada a sua vida mental, mais surpreso possivelmente se sentirá, ao ver o que a súbita oscilação do mundo trouxe à luz, fazendo vir à tona crenças e desejos que você presumia pertencerem a um estágio anterior do desenvolvimento humano.

Que coisa é essa, vocês se perguntam uns aos outros, e como é possível que ela ainda esteja zanzando por aí, considerando tudo que já sabemos? Parece o tipo de relíquia que os arqueólogos escavam e da qual removem o pó, especulando sobre as crenças que um dia lhe deram vida, reconstituindo-as da melhor maneira possível, desaparecidas que estão agora, aquelas

investidas de protorracionalidade e hipóteses mítico-mágicas, e quase esquecidas.

Agora o esquecimento foi revertido, e as cabeças que têm coisas melhores em que pensar precisam desviar preciosos recursos neurais para descobrir como fazer a espécie voltar a ter um pouco de juízo. É uma proposta cansativa, ter de retomar a tarefa do Iluminismo desde o começo, mas isso aconteceu sob os nossos olhos. Seria preciso enviar de vez em quando um balão para se obter uma leitura das condições cognitivas predominantes, os Pensantes cuidando dos Não Pensantes. Agora permitiu-se que o acúmulo de falácias atingisse níveis perigosos, e as armas acumuladas da ilógica estão ameaçando a capacidade de sobrevivência do globo.

Nada disso é particularmente bom para o mundo, mas tem sido bom para Cass Seltzer. É nisso que ele está pensando no momento, baixando o olhar para o rio congelado e observando a improvável guinada da sua vida nos últimos tempos. Está pensando que sua vida ficou melhor porque o mundo pirou. Está pensando no fato de que os fanáticos se proliferam e Seltzer prospera.

São quatro horas da madrugada e Cass Seltzer está parado na Weeks Bridge, a graciosa ponte que se estende sobre o rio Charles perto da Universidade Harvard, olhando para baixo, para o rio, que se encontra no *rigor mortis* do final de fevereiro na Nova Inglaterra. A paisagem toda, sem exceção, está absolutamente deserta, deserta no sentido de ser inóspita para a vida humana. Não há um único carro passando na Memorial Drive, os elegantes alojamentos junto ao rio transformados em escuros blocos silenciosos, e os mais hipercinéticos alunos de graduação totalmente sedados, apenas moças e rapazes ronronantes.

Não é do feitio de Cass Seltzer estar fora de casa no meio de uma noite gelada, perdido em pensamentos ao mesmo tempo

que perde a sensação em suas extremidades. A excitação é que foi responsável por isso. Ficara deitado na cama durante horas a fio, a mente fervilhando, até que desistiu e se arrastou para fora do luxuoso edredom que sua namorada, Lucinda Mandelbaum, trouxera ao se mudar para a casa dele no final de junho. O edredom tem bolsas internas para as mãos e os pés, e uma maciez resultante da impregnação de *Aloe vera*. Como homem, Cass sempre fora um cético, mas tornara-se um adepto fervoroso do edredom de Lucinda e também do seu travesseiro Tempur-Pedic, infundido da fragrância do xampu de coco dela. Isso tornava ainda mais notável o fato de ele ter abandonado a cama em troca daquela terra de ninguém frígida e noturna.

Vasculhando o armário perto da entrada em busca de alguma proteção extra, puxara, com um sorriso que ele próprio não tinha conseguido interpretar, uma peça havia muito esquecida, o cachecol tricolor que sua ex-mulher, Pascale, aprendera a tricotar para ele durante os quatro meses em que ela convalescia de afasia, quatro meses que haviam produzido, entre outros itens chocantes, um cachecol na forma de uma bandeira francesa de lâ exageradamente comprida, que ele enrolou sete vezes e meia em volta do pescoço antes de sair na escuridão para lidar com a agitação na sua cabeça.

Lucinda está ausente esta noite, ausente por toda a árida semana que está por vir. Cass sente falta de Lucinda nos seus ossos, sente falta dela na medula que neste momento está se cristalizando em gelo. Ela está em climas mais amenos, numa conferência em Santa Barbara sobre “Equilíbrios Não Nash em Jogos de Soma Zero”. Entre esses equilíbrios há um chamado Equilíbrio de Mandelbaum, e a ambição de Cass é ter dominado o Equilíbrio de Mandelbaum quando for buscá-la no aeroporto na sexta-feira à noite.

Tecnicamente, Lucinda é psicóloga, como Cass, só que to-

talmente diferente de Cass. Seu trabalho é tão matemático que ninguém suspeitaria que tem algo a ver com a vida mental. Cass, por outro lado, está tão distante dela nesse *continuum* quanto é possível estar, mantendo-se ainda dentro do mesmo campo. Tão distante a ponto de estar enfiado até o joelho no pântano das ciências humanas. Até recentemente, Cass sentia que quase se desculpava ao explicar seu interesse em toda uma vasta gama da experiência religiosa — uma categoria que qualquer um tende a exagerar, mas em especial Cass, que vê estruturas mentais religiosas em espreita dissimulada por toda parte, mascaradas em contextos mais seculares, na política, na erudição, na arte e até mesmo nas relações pessoais.

Por cerca de duas décadas, Cass Seltzer tem sido o dono da psicologia da religião, mas somente porque ninguém mais queria isso, ninguém mais com capacidade de fazer pesquisa acadêmica em psicologia e a ambição de seguir adiante. Tinha sido impossível conseguir verbas, e os periódicos de prestígio devolviam os originais dele sem mesmo enviá-los para o parecer de seus pares. Os alunos de graduação lotavam seus cursos, mas isso contava, no máximo, como um fator contra ele no departamento. Os alunos de pós-graduação mantinham-se maciçamente distantes. A pesquisa psicológica sexy estava toda nos modelos de redes neurais e neurociência cognitiva. A mente é um computador neural, e quem ditava as regras era o pessoal do algoritmo.

Mas agora tinham acontecido coisas — coisas fundamentais e fundamentalistas — e a religião como fenômeno está na cabeça de todo mundo. E entre todas as mudanças que o novo perfil intimidante da religião tem provocado no mundo, a mais alarmante, senão francamente aterradora, é a transformação na vida de um certo Cass Seltzer.

Primeiro veio o livro, ao qual ele deu o título de *As variedades da ilusão religiosa*, um sinal de reconhecimento tanto para As

variedades de experiência religiosa de William James como para *O futuro de uma ilusão*, de Sigmund Freud. O livro trouxe a Cass um volume indecente de atenção. A revista *Time*, num artigo de capa sobre os assim chamados novos ateístas, havia escolhido Cass como o único entre eles que parecia ter uma ideia de como é ser crente — “escrever sobre ilusões religiosas do ponto de vista daquele que lamenta ter se desiludido” — e terminara chamando-o de “ateísta com alma”. Quando a revista saiu, o agente literário de Cass, Sy Auerbach, telefonou para parabenizá-lo. “Agora que você é famoso, até eu deveria levá-lo a sério.”

Em seguida viera a moça, embora tal designação dificilmente faça justiça à situação, não quando a situação diz respeito a Lucinda Mandelbaum, conhecida em seu mundo como “a Deusa da Teoria dos Jogos”. Lucinda é, pura e simplesmente, uma criatura assombrosa, digna da merecida adoração e atenção de Cass.

E agora, só hoje, como se o seu copo ainda não estivesse transbordando, chegara uma carta da Harvard, manifestando a intenção de seduzi-lo a deixar a Universidade Frankfurter, localizada nos arredores de Weedham, Massachusetts, a pouco menos de vinte quilômetros rio acima do ponto onde ele está parado neste exato momento. Cass passou as últimas duas décadas na Frankfurter, tendo chegado inicialmente para estudar sob a orientação do lendário Jonas Elijah Klapper, a figura maiúscula que fora mentor e atormentador de Cass.

Depois de tudo que aconteceu com Cass no decorrer deste último ano, ele está surpreso com o grau de reverente euforia que sente em relação à carta que traz a insígnia *Veritas*. Mas ele é um acadêmico, seu senso de sucesso e fracasso determinado em última instância pelos ganhos da academia (para usar a linguagem da ciência de Lucinda), e Harvard conta como um ganho máximo. Cass traz a carta consigo neste momento, fechada no bolso interno de sua parca, que o isola do frio.